

A BRUXINHA



CAMOMILA

A BRUXINHA CAMOMILA

CAPÍTULO I

QUEM SABE ONDE MORA A BRUXINHA?

Na Vila do Socó, todos já tinham ouvido falar na bruxinha Camomila.

Muitos juravam que em noites sem lua ela viajava em sua vassoura sobre os telhados do povoado.

Diziam que ela vivia numa casinha muito estragada no meio da mata.

A tapera da bruxa, todos afirmavam, ficava no alto de um morro de não sei onde.

Mas ninguém teve a coragem de procurar a morada da bruxinha.

Comentavam-se na Vila do Socó que a Camomila transformava crianças em sorvete e os chupava.

Por isso, quando corria o boato de que alguma criança havia desaparecido nas matas, dizia-se que virara sorvete.

Mas como nunca desapareceram crianças da Vila do Socó, Tadeu Mascagoma, Zefinho Porco-Espinho e Joãozinho Balacobaco resolveram procurar a casa da Camomila.

Combinaram sair na próxima madrugada.

E saíram mesmo.

De manhã, na escola, professor Segismundo fez a chamada dos alunos.

Faltaram Zefinho, Balacobaco e Mascagoma.

- Foram espiar a bruxinha, professor! - Gritou em coro a classe.

Professor Segismundo que não morria de amores pelo trio falou:

- Bem feito tomara que virem sorvete.

CAPITULO II

UNS ANJINHOS

Professor Segismundo tinha lá suas razões para não simpatizar com aquela trinca.

Zefinho, Mascagoma e Balacobaco eram um tormento na escola e na vila.

Lições, não faziam nem a pau!

Prestar atenção nas aulas, quem me dera!

Artes era o que mais sabiam fazer. Nisso se tornaram mestres.

E não se largavam nem para ir ao banheiro.

Eta amizade, porreta, sô!

Um dia, Segismundo estava dando aula sobre astros e estrelas.

Sem mais aquela, Balacobaco interrompeu-o:

- Fessor, qualquer dia desse vamos viajar à lua.

- Vão de trem ou de carroça? Aliás nem precisam ir. Vocês já vivem no mundo da lua.

- Estamos construindo um foguete, professor - insistiu Zefinho.

- Movido a traque?

- Movido à pólvora, completou o Zefinho.

- Não diga Zefinho! E de onde vocês tiraram pólvora?

- Pois só falta a pólvora. O canudão já conseguimos - respondeu Macagoma.

- Ah! Então vocês vão viajar de foguete de São João?

- Ué, não é assim que os astronautas viajam pelo espaço? - perguntou Balacobaco.

Parecia que os moleques estavam falando sério.

Por isso a classe explodiu numa espalhafatosa gargalhada.

- Vocês estão rindo, é! Vão ver... vão ver só...

- Melhor vocês usem a vassoura da bruxinha Camomila. Chegarão mais depressa à lua - finalizou o Segismundo.

Foi ai, então, que deu na cabeça dos três de, irem procurar a bruxinha.

Conseguiriam encontrá-la?

CAPITULO III

A CAMINHO DO MATO

Zefinho, Balacobaco e Mascagoma fizeram um bruto sanduíche de mortadela e pegaram seus estilingues.

Pensavam permanecer muito tempo nas matas.

Umás três horas.

O estilingue era para caçar passarinhos e assustar algum bicho bravo mais atrevido.

Nem é preciso dizer que os pais nem longe desconfiavam que os filhos fossem se meter no mato.

Assim, os moleques saíram pé-ante-pé de suas casas, nem bem o dia tinha raiado.

Os tênis só calçaram no meio da rua.

Quando o sol ainda nem tinha dado as caras, os três já estavam a caminho.

A vegetação era espinhenta na entrada da mata.

Meio sonolentos, foram se espetando nos espinhos.

Quando ultrapassaram o mato mais grosso, notaram uns bichinhos colados em sua pele.

- Olhe como está seu braço, Balacobaco! - falou espantado o Mascagoma.

- E o seu pescoço então, Mascagoma, está todo sarapintado! - exclamou o Zefinho.

- Vejam minhas pernas, gente! gritou o Balacobaco, incomodado com os comichões.

Estavam cheios de carrapatos.

Então, um arrancava os carrapatos do outro.

Quando terminaram, estavam todos com o corpo cheio de pelotinhas vermelhas.

Vocês já foram mordidos por carrapatos? Nem queiram! Aquilo coça pra valer...

- Se estas marcas não saírem até a gente voltar, o pai vai descobrir que estivemos no mato - falou amedrontado

Zefinho.

- Acho que vamos levar uma coça! Rezemos para que estas pelotas desapareçam logo - continuou o Mascagoma.

- Será que banho de rio não tira estes vermelhões? - finalizou o Balacobaco.

E foram para o rio.

Mas que surpresa desagradável eles iriam ter no rio!

CAPITULO IV

O RIO DO CHÁ

No meio da noite havia chovido.

As trilhas que levavam ao rio do Chá estavam todas lamacentas.

O Chá ficava numa baixada.

Para chegar ao rio, era preciso percorrer as trilhas estreitas, que desciam pela encosta do morro.

Desceram, amassando o barro do caminho.

O rio do chá não era muito largo e fundo.

Quando não chovia, suas águas eram cristalinas com muita areia por baixo.

Mas como havia chovido, suas águas estavam barrentas.

Agora o sol estava de "rebentar mamona".

Bom pra nadar.

Os moleques tiraram a roupa e dela fizeram umas trouxinhas. Em cima, puseram umas pedras para que o vento nas as levassem.

Peladinhos, que nem "Adão no Paraíso", mergulharam, sumindo por uns instantes.

Logo reapareceram, cuspiendo a água que ficara em suas bocas.

Enquanto nadavam, apareceu o índio Tari-Taré. Depois de velho, deu para ficar malvado.

O Tari-Taré tornou-se implicante com a criançada, por causa do chimpanzé Bru-Bru.

Desde a briga com Bru-Bru, o Tari-Taré descontava sua raiva na criançada que nadava no Chá.

Sabem como foi esta briga?

CAPÍTULO V

O índio Tari-Taré
deixou a sua choupana,
para caçar o chimpanzé,
que tinha por nome Bru-Bru.

Preparou sua flecha,
pondo na ponta o curare.
Levou também o trabuco,
carregado de cartucho,
pois se ficasse maluco
enchia o bicho de bala.

Mas o chimpanzé Bru-Bru
era esperto pra chuchu,
e o pobre Tari-Taré
com ele não tinha chance.
Quando haviam se encontrado,
no fim do ano passado,
o caçador fora o índio,
pois levava na gordura,
a pesada fechadura,
que lhe atirara o Bru-Bru,
causando-lhe um inchaço,
medicado com chumaço
de ervas da Camomila.
E o pobre Tari-Taré,
para ficar todo são,
teve que ficar de cama,
bebendo um bom chimarrão.

Agora o Tari-Taré
tinha uma raiva de cão.
O Bru-Bru não lhe escapava,
nem que preciso fosse
subir pela chaminé,
até a copa mais alta,
onde estava o chimpanzé.

E foi o Tari-Taré,
subindo pé-ante-pé,
para pegar distraído
o nosso Bru-Bru chimpanzé.
Mas o traiu o chulé,
que o Bru-Bru conhecia.

Bru-Bru foi quebrando os galhos,
por onde o índio subia,
e quando o Tari-Taré
quase alcançava o Bru-Bru,
de lá despencou o índio
com flecha, trabuco e arco,
rebentando sua cara,
no lodo de um grande charco.

A criançada que assistia ao vexame do Tari-Taré se escachou de rir.

Elas ainda azucrinavam o índio, assim:

"Ó Tari-Taré, pé de chulé,
que apanhou do chimpanzé!
Não tem vergonha?
Seu mé-mé-mé!"

Desde então, o Tari-Taré confundia a criançada com muitos Bru-Brus.

Que judiação faria o Tari-Taré para a criançada?

CAPÍTULO VI

UM RIO DE LÁGRIMAS

Tari-Taré só aparecia no rio, quando chovia.

Ele ficava espiando do alto do morro.

Quando via a criançada nadando, dizia para ele mesmo:

- Óia quantos Bru-Brus, vou pegar eles!

E chegava de mansinho, sem ninguém perceber.

Ficava de cócoras atrás de um morrinho, até elas se despirem e caírem na água.

Então o Tari-Taré escondia a roupa das crianças.

Quando elas deixavam o rio, cadê a roupa?

Era aquela choradeira

- Pelo amor de Santo Chimpanzé, seu índio, devolva nossas roupas! Como é que podemos ir embora pelados?

Só de ouvir o nome chimpanzé, Tari-Taré ficava ainda mais furioso.

Depois que a criançada havia formado outro rio de tanto choro, o Tari-Taré devolvia as roupas.

Mas desta vez, o Tari-Taré fez pior com o Mascagoma, Balacobaco e Zefinho.

Querem ver?

CAPÍTULO VII

NÃO ADIANTA FUGIR DO TARI-TARÉ

Chiiii..., Mascagoma, não saiu quase nada das manchas. - falou o Zefinho.

- É mesmo, de nada adiantou o banho de rio. - Completou o Mascagoma.

Quando procuraram a roupa que susto levaram!

Lá estava o terrível Tari-Taré de cócoras, num morrinho.

E resmungava:

- Óia os Bru-Brus aí...

- Como vai seu Tarí-Taré, o que está fazendo por qui? - falou um dos moleques.

- Esperando o Bru-Bru, ora!

- Estamos atrasados, seu Tari-Taré, temos que voltar para casa.

- Ainda é cedo! Não vão rir do Tarí-Taré?

- Não dá tempo, não, e não estamos rindo, pombas!

Os meninos conheciam a história do Tari-Taré e, por isso, fizeram casa fechada.

Os moleques iam chegando perto das roupas.

Tari-Taré só olhava.

Os moleques apanharam suas roupas num movimento rápido e zupt... subiram o morro em desabalada carreira.

Todos peladinhos.

Tari-Taré não perdeu tempo. Apanhou um viscoso monte de barro e saiu em perseguição aos meninos.

Em dois tempos alcançou-os.

Em meio a enorme barreiro, o índio, junk-junk-junk, emporcalhou os moleques com o barro mole.

Eles ficaram marronzinhos.

Como é que poderiam vestir suas roupas naquele estado?

Ai se os pais dos meninos soubessem que haviam ido nadar no rio!

Era rabo de tatu no couro, por certo.

Como é que iriam fazer?

CAPÍTULO VIII
SALVOS POR UM TRIZ

Não havia jeito.

Voltaram para o rio para se lavarem.

E o Tari-Taré, atrás ria:

- Rô-Rô-Rô-Rô...

Tchigum... Mergulharam, para retornarem num instante.

- Bom, seu Tari-Taré, o senhor já caçou da gente, nos deixe ir embora, por favor! - suplicavam os meninos.

- Ainda é cedo, vão ficar mais um pouco, pronto!

Os moleques tinham a roupa debaixo dos braços.

Se corressem, o Tari-Taré os encheria de barro novamente.

Como é que saíam limpos?

O trio matutava uma saída para a situação.

Foi então que na copa de uma árvore alguém começou a declamar:

"Ó índio Tari-Taré,
Como é? Como é,
que essas pobres crianças
agüentam o seu chulé???
Veja se as deixa em paz,
seu peidorreiro danado!
Vá tirar bicho-do-pé,
seu cara de jacaré,
que quando fala, faz bééé...
Feito a cobra do Mané!
Venha, vou lhe dar uma dura
com minha fechadura.
Sabem quem era?"

CAPÍTULO IX

OUTRA LIÇÃO NO TARI-TARÉ

Pois era o chimpanzé Bru-Bru.

Enquanto o Bru-Bru declamava, pulava de galho em galho para fugir às pedradas que lhe atirava o Tari-Taré.

Tari-Taré estava maluco com o chimpanzé e muito mais com os versinhos.

Os moleques, até então sérios, rolavam de rir.

- Ai como são maus esses Bru-Brus! Não deixam o Tari-Taré em paz - resmungava para si.

Vendo o Tari-Taré ocupado com o Bru-Bru, os moleques voaram encosta acima.

Em segurança vestiram suas roupas e espiavam o Tari-Taré, subindo na árvore.

Quando o Tari-Taré quase sumia entre as folhas, peim... Bru-Bru lhe atirou uma fechadura.

Tari-Taré despencou.

Na queda, zupt..., a tanga do Tari-Taré ficou numa ponta de galho.

Foi aquele vexame!

Agora, quem estava peladão era o índio.

Chegar perto da árvore nem pensar!

Como é que ele iria embora peladão?

O jeito foi pegar umas folhas para cobrir-se.

Tari-Taré abaixou-se e ficou naquela posição!

Zefinho, Balacobaco e Mascagoma aproveitaram-se e descarregaram bolinhas de mamona sobre o traseiro de Tari-Taré com seus estilingues:

E era poing-poing...

Tinham uma pontaria!

E o Tari-Taré requebrava feito uma bailarina

- Aiuiui-Aiuiuiuu... Parem com isso, tenham dó do Tari-Taré... Aiuiui.

Não houve jeito, senão sumir no mato. E resmungava.

Ainda pego esses Bru-Brus e o Bru-Bru. Ah! Se os pego!

Será que pegaria?

CAPÍTULO X

A BRUXINHA CAMOMILA

Livres do Tari-Taré, os moleques continuaram a caminhada em busca do morro onde vivia a bruxinha.

Andaram e andaram...

Então o Balacobaco falou:

- Vamos dar uma descansada, pessoal. Estou com fome!

Todos concordaram e pararam numa clareira, sombreada por altas árvores.

Não há sinal de casas por estes morros. Só se vê mato! - observou um deles.

Desembrulhando o sanduichão partiram-no em três pedaços.

Quando mastigavam, ouviram um ruído. croc-croc-croc...

A clareira estava um pouco escurecida e só puderam ver um rabo preto, que passava entre o arvoredo.

Ficaram com a impressão de que o resto de coisa preta era a bruxinha, voando em sua vassoura.

Os três ficaram trêmulos.

- Você viu o que eu vi, Balacobaco? - disse o Zefinho.

- Será que era a bruxinha Camomila? - continuou Mascagoma.

- A coisa foi para aquele morro ali em frente - falou Balacobaco.

Apesar do medo foram em frente.

Subiram um barranco coberto de vegetação baixa e puderam ver, no topo do morro, uma tapera.

Devia haver gente nela, pois saia fumaça pela chaminé.

Quando se aproximaram, por entre galhos de árvores, espantaram-se com uma velha sentada a porta.

Estava vestida de preto.;

Sabem o que ela fazia?

Chupava um sorvertão.

Mascagoma, ruminando seu chicle, até mordeu a língua!

Zefinho tinha os cabelos mais espetados do que de costume! Era o próprio apelido.

Balacobaco sentiu uns rancos na barriga, que esfriava e esfriava...

Resmungaram:

- Olhe a bruxinha Camomila, gente!

Será que ela tinha transformado alguma criança em sorvete?

CAPÍTULO XI

SERÁ QUE ELA VOAVA MESMO?

Cada vez que a velha dava uma lambida no sorvete, ouvia-se:

- Aiimmm - Aiimmm...

Parecia criança chorando.

Um vento forte balançava o arvoredo em torno da tapera da velha.

Os moleques cochichavam:

- Vocês ouviram o barulho que faz, quando a velha lambe?

- Coisa triste, não pessoal! Quem será a criança que a bruxinha está chupando?

- Eu não chego lá, de jeito nenhum! resmungou o Zefinho.

Ao terminar o sorvetão, a velha entrou um instante, retornando com uma longa vassoura de palha.

A Camomila fez dançar a vassoura no terreiro.

Mas como a velha era muito desajeitada, a vassoura acabou ficando entre suas pernas.

- Nossa! Eu acho que agora a bruxinha vai voar - falou um deles.

- Não quero nem olhar! - disseram os três, colocando as mãos nos olhos.

Quando tiraram, cadê a velha, tinha sumido!

Então a trinca teve certeza de que havia encontrado a Camomila.

E a primeira coisa que veio à cabeça dos meninos, deixando-os preocupados, foi a idéia de que a bruxinha os descobriria com facilidade.

E durante alguns minutos se enfiaram num buraco próximo.

Do buraco dava para ver a tapera.

De repente, a velha reapareceu, agora, sem a vassoura.

Os meninos notaram que ela se dirigia para o fundo do quintal.

- Não descobriu coisa nenhuma - cochichou o Zefinho.

- Olhem, a velha foi para o mato - disse o Balacobaco.

- Vamos dar uma espiada na tapera, vamos! - continuou o Mascagoma.

- Vocês têm coragem? - perguntou o Zefinho.

- Já que estamos aqui, vamos em frente - completaram os outros dois.

O que esses meninos tinham de cheirar na casa da bruxinha?

CAPÍTULO XII

A CASA DA CAMOMILA

O pátio era um terreiro de chão batido.

A tapera, de longe, parecia feia. De perto, era medonha.

As paredes de pau-a-pique, recheadas de barro, estavam esburacadas.

A janela muito pequena não fechava direito.

A porta, toda escalavrada, estava quase caindo.

Os moleques caminharam receosos pelo terreiro.

Que frio na barriga!

Botaram o nariz numa fresta da porta.

Ao encostarem as cabeças, nhééé..., a porta se abriu.

Que pobreza lá dentro!

Havia um só cômodo: sala, quarto e cozinha não estavam divididos.

Uma mesa capenga, com apenas três pernas, dois banquinhos e um baú, encostado numa parede, ocupavam a entrada.

Noutra parede, estava a cama da velha: um velho catre de couro.

Ao fundo, havia um fogão de barro. Nele, um grande tacho fervilhava umas coisas que os garotos não podiam perceber o que seriam.

E não é que os moleques entraram!

Andavam se esfregando pelas paredes, muito juntinhos.

De repente, plum..., alguma coisa caiu sobre os meninos e parecia segurá-los.

- Acuda Balacobaco! Acuda Mascagoma! Acuda Zefinho!

Nesse momento, um gato preto surgindo não sei de onde, passou em desabalada carreira em frente aos meninos, saindo pela porta.

A trinca arrepiou-se.

O que estaria segurando os moleques?

CAPITULO XIII

UM SUSTO ATRÁS DO OUTRO

Pendurados numa das paredes, havia alguns rolos de corda.

Zefinho, que caminhava na frente da turma junto à parede, esbarrou neles.

Os rolos caíram pela cabeça dos meninos, enlaçando os seus corpos.

Como estava escuro, a corda os segurou, pois a ponta ficara presa no prego da parede.

Ao desenrolarem-se, um vento encanado bateu a porta da tapera.

A tranca de madeira caiu e a porta fechou-se por dentro.

A pouca claridade, que havia na tapera, resumia-se na chama do fogão.

Os moleques se agarraram, cochichando uns para os outros:

- Ai que a bruxinha nos descobriu e nos trancou aqui dentro!

Tremiam que nem pudim.

Quando olharam para o alto de uma das paredes, dois olhões apagavam e acendiam.

- Olhe a velha lá em cima, Mascagoma!

- Que velha que nada, Balacobaco! Já viu gente com um olho desse tamanho?

De vez em quando o bicho fazia, VUIIMMM, VUIIMM...

Quando as chamas do fogão aumentaram um pouquinho, perceberam uma ave muito esquisita.

- Santa Serpentina! - gritaram lá vem ela, gente!

E vinha mesmo.

Num vôo rasante, a ave parecia um avião aterrissando: VOOOMMM!!!

Será que tal ave atacaria aquele trio?

CAPÍTULO XIV

QUE BARULHEIRA DANADA

Os moleques se esparramaram para impedir que a ave os tocasse.

Zefinho bateu a cabeça na mesa capenga que virou de pernas para o ar.

Balacobaco pulou para o catre da velha.

Mascagoma abaixou-se com as mãos na cabeça.

A ave passou sobre os meninos e aninhou-se em alguma coisa pendurada em outra parede.

Mas que coruja feia era aquela, sô!

As penas eram descoloridas e falhas. Devia ter uns cinqüenta anos, mais velha que a bruxa.

Quando fez um CORRUIIMMM, parecia que estava chamando a bruxa.

E não é que ela apareceu mesmo!

Estava lá do outro lado da porta.

Empurrava que empurrava e a porta não abria.

Aí os meninos ouviram uma voz grossa e rouca:

"Coisa ruim, que está aí dentro,
quem deixou você entrar?
Sai daí, porco-sarnento,
que vou arreventá-lo,
com meu facão de cimento,
e meu esculápio bento.
Daqui vou lhe expulsar
vou cortar o seu pescoço,
pra você não me amolar.

E começou a bater na porta, cada vez com mais força.

Zefinho, Balacobaco e Mascagoma só pensavam:

"Maldita hora em que pensamos procurar a bruxinha Camomila!"

Como é que saíram dessa? A velha parecia furiosa!

CAPÍTULO XV

A TRINCA VIU QUE NÃO VIU

É PAM-PAM-PAAAMM... Aquela porta não agüentaria batidas tão fortes.

- Vocês viram o que a velha falou? - gaguejou o Balacobaco.

- Nossa! Lá vem ela com o facão! - exclamou o Mascagoma.

- Vamos ver se dá para sair pela janela: - disse o terceiro.

Mas a janela era bem pequetinha, quanto muito cabia a cabeça de um dos infelizes.

Não dava para fugir pela janela.

Então todos se meteram debaixo da cama

Cada batida na porta fazia disparar os coraçõezinhos dos moleques.

Finalmente, BAAAAMMM... a porta abriu-se.

Agora, os moleques podiam ver mais de perto a figura da bruxinha Camomila.

Era toda enrugada, tinha narigão pontudo, igual ao de todas as bruxas que os meninos já tinham visto em livros de história.

Quando abria a boca, podia-se ver que era desdentada.

Seu cabelão preto esparramava-se pelas costas.

Ela entrava na casa, soltando fogo pelas ventas.

Não era bem assim, mas os moleques amedrontados começaram a ver coisas que somente sua imaginação criava.

A velha trazia um grande facão. Mas não era de cimento não, era de aço mesmo.

Encolhidinhos junto à parede, embaixo da cama, resmungavam alguma coisa. Acho que rezavam, pois se ouviram preces que se misturavam:

- "Pai Nosso... Ave...que estais... cheia de graça... apiedai-vos...

E faziam muitos sinais da cruz...

A velha estava transtornada e babava!

Levantava o facão para o alto e atirava-o ao chão.

O bruto girava no ar e caía de ponta, fazendo truummm... ao espertar no piso de terra.

A velha repetiu a operação continuamente.

Eta velha certaíra, não errava um exercício!

Uma das vezes, o facão fincou próximo à cama.

A velha ia chegando para pegar o facão.

Quando ela foi apanhá-lo, os meninos apavorados ainda viam a arma fazer truummm... Quase nos seus narizes.

"Imaginem se a velha nos agarra. Fazia um espetáculo com a gente!" - pensou o Mascagoma.

Será que a bruxinha descobriria a trinca debaixo da cama?

CAPÍTULO XVI

A HORA DAS PROMESSAS

Mas ela apanhou o facão e não reparou nos moleques.

Bufando de cansaço, sentou-se na cama.

Camomila era um tiquinho de gente. Suas pernas pareciam dois gambitinhos e não alcançavam o chão.

Os garotos observavam aquelas perninhas, balançando diante dos seus olhos.

E a velha recomeçou:

- Tem gente aqui... tem coisa aqui... eu sinto que tem coisa aqui... e recitou uns versinhos que soaram estranhos aos ouvidos do trio:

"Sapo da costa parda,
conte-me o que tem aqui,
sinto um cheiro de xixi
ou meleca de Saci.
Olhe como respira
a lagarta Fredegunda,
que tem uma boca imunda,
com seu hálito empestado,
assopra para mim,
quando chega o "Coisa-Ruim".

- HUUMMM... HUUMMM...

A Camomila cafungava o ar abrindo bem as narinas.

Que lagarta Fredegunda, que nada! O cheirinho, que a bruxa sentia, vinha de baixo da cama mesmo.

Um dos moleques, se não me engano o Zefinho, tinha feito "algum serviço" nas calças.

Debaixo da cama, exalava um cheirinho daqueles.

Não sei se era medo ou fedor, o fato é que cada um dos moleques segurava a respiração como podia.

Porém a vontade era de soltar um enorme berro e varar a janelinha, isso lá era verdade.

Mas como sair debaixo da cama?

A velha pegaria os meninos, transformando-os em sorvete, assim acreditavam.

Então passou pela cabeça dos moleques os pensamentos mais tenebrosos:

"Imagine aquela boca desdentada lambendo a minha barriga!"

"Ai, santa Serpentina! Livrai-me dessa bruxa no meu umbigo"

"Valha-me, mãezinha, se saio dessa não lhe desobedeço nunca mais..."

Mas até quando conseguiram permanecer escondidos?

CAPÍTULO XVII

UMA CORUJA INTROMETIDA

CORRUIIMM... lá veio a coruja velha para o colo da Camomila.

Quem olhasse, atentamente, a cara das duas diria que tinham parentesco.

- Quer me falar alguma coisa, Peticosa?

CORRRUIMMM, fazia a coruja, descendo pelas pernas da Camomila.

A velha pegava a Peticosa pelas pernas e a trazia novamente ao seu colo.

E a Coruja:

"CORRUIIMM... CORRUIIMMM"

A Peticosa queria dedurar os meninos, mas a velha parecia não se dar conta das intenções da coruja.

A bruxinha afagou a cabeça da Peticosa e ela se acalmou por um momento.

Aí, deu um faniquito na Peticosa e ela escorregou para o pé da cama.

Aqueles dois olhões ameaçadores estavam a poucos centímetros dos moleques.

"E agora!" - pensaram

- Nossa! Que a bruxa vem aqui para baixo! - sussurrou o Mascagoma.

A velha, então, abaixou bem a cabeça, que ficou entre os seus dois gambitinhos.

Era a cara da coruja de um lado, a cara da velha do outro, mirando os meninos espremidinhos lá no fundo.

Mascagoma, branco que nem cera, só teve tempo de dizer:

- No-no-no-as! Parece que são gêmeas!

Balacobaco, apavorado e fora de si, soltou uma gargalhada.

Não sei dizer se a gargalhada era do choro ou de riso. Penso que eram as duas coisas ao mesmo tempo.

Os três soltaram um medonho grito e se mandaram.

Por sorte, a velha levantou a cabeça e a trinca foi parar no meio da casa.

- Ah! Os Coisas-Ruins finalmente apareceram, hein!

E a bruxinha levantou o seu facão e...

CAPÍTULO XVIII
DEU A LOUCA NA CAMOMILA

TRUUMMM, fincou-o próximo ao dedão do Balacobaco.

Não se sabia quem balançava mais: se o facão ou a trinca, tal a tremedeira que se apossou deles.

A velha parecia tomada por algum espírito, pois, também, se sacudia toda.

Suave em bica!

Os moleques, já de pé, estavam pálidos e imóveis. Esperavam pelo pior.

Súbito, ela parou, abriu as pernas e os braços gritando:

- Quaquelaco, Quatopaco... Quaquelaco, Quatopaco...

Era alguma mandinga da velha.

Parecia aos meninos que dos olhos da Camomila saía uma chama vermelha, como aquela do fogão.

É que os moleques estavam quase de frente para o fogão e não distinguiam o fogo deste e dos olhos da velha.

Eles deram alguns passos para trás e ficaram acuados junto à parede.

A velha correu para o tacho, com um galho de folhas, que os moleques não sabiam como aparecera naquele momento.

Ela enfiou as folhas no tacho e, com aquela água fervilhando, aspergia nos meninos.

- Saia, Coisa-Ruim, saia daqui, saia...

Os meninos já se viam saborosos sorvetes.

Nisso, o gato preto voltou.

Vinha arrepiando os pêlos e fazia um gesto de quem ia dar um bote sobre a trinca.

A coruja voava de lá para cá, de cá para lá.

Aquela casa havia virado um verdadeiro pandemônio.

CAPÍTULO XIX

VIRANDO SORVETE

Aquela aguinha caía no corpo dos moleques, queimando-os.

Eles pensavam que aquela poção os transformaria em sorvete.

A velha gritava feito uma louca.

O gato miava e se aproximava.

A coruja voava de um lado para o outro e soltava gritos horríveis.

Tão sugestionados estavam os meninos, que ficaram paralisados e frios.

Só conseguiam cochichar uns para os outros:

"Adeus, Mascagoma"

"Balacobaco, me acuda"

"Zefinho, onde está você?"

BRRR, que frio!!! resmungavam

Daí, a velha chegou perto dos garotos, falando:

- Oia, Peticosa, não são "Coisa-Ruim" não!!! são meninos!

A Peticosa empoleirada no ombro da Camomila abaixava a cabeça, concordando com a velha.

Mas eu sinto que o "Coisa-Ruim" ta perto, sinto e sinto... Não serão eles o Coisa-Ruim, fantasiado de meninos?

A velha olhava séria, examinando-os atentamente:

- Coisas-Ruins desobedientes! "Tira quebranto... tira quebranto...", vieram perturbar a velha, vieram? Merecem uma lição. Ah! Se merecem!

A Camomila passou a mão no rosto gelado do Balacobaco.

Balacobaco lembrou-se do dia em que espiou um pintor, raspando a parede de sua casa com lixa grossa.

Era tal qual a mão da Camomila.

- Moleques desobedientes, "torne vocês obedientes e que não dêem desgosto pros pais, não dêem não...

E grudou a orelha esquerda de Mascagoma:

- Menino traquinas, traquinas, "corta quebranto..., corta quebranto..." deste moleque levadinho.

Parecia que vertia água das orelhas do Mascagoma, devido ao suor da mão da Camomila.

Aí, ela deu um puxão tão forte, que o Mascagoma viu sua orelha voar para o tacho.

- Sua velha desgraçada, dê minha orelha de volta! Gemeu.

Não foi a orelha, mas uma folha que voara para dentro do tacho.

Depois foi a vez do Zefinho:

- Cabeça de porco-espinho, cabelo de gente ruim, "corta quebranto... corta quebranto..." Pra cortar seu quebranto, preciso de um fio de seu pêlo. Rect..., arrancou um espetado fio de cabelo do Zefinho.

O Zefinho ainda conseguiu resmungar:

- Ué, como a velha sabia que meu apelido é porco-espinho?

O frio aumentava.

Será que estava virando sorvete?

CAPÍTULO XX

UMA VISITA INESPERADA

No meio daquela confusão, uma surpresa.

Embora a porta da tapera estivesse entreaberta, alguém dava fortes batidas, gritando:

- Ó de casa... ó de casa...

Como ninguém atendia, o sujeito foi entrando sem cerimônia.

A casa estava quase às escuras e os meninos aterrorizados não perceberam quem chagava.

O sujeito entrou, ralhando com a velha.

- Veia feiticeira de uma figa, de uma figa, sim, viu...

Camomila desviou os olhos dos meninos para o sujeito que falava com maus modos.

- Que você quer, fio? Como é que entra assim na casa da veia Camomila?

- Você disse que tirava meu azar com o chimpanzé Bru-Bru, não foi, veia feiticeira! Pois óia eu aqui, óia.

E o sujeito arreou a tanga, virando o bumbum marcado de bolinhas de mamona.

- Foram os Bru-Brus de novo!

E continuou:

- Óia minha creca, outra fechadura do chimpanzé. Feiticeira de uma figa, que não tira mau olhado nada!

A velha fechou a cara:

- Cumpriu tudo o que a veia arreceitô?

- Bão...

- Comeu uma minhoca do talo da alface na beira do rio?

- Bão...

Cheirou os pêlos do gambá fêmea no dia em que ela deu a luz a seus gambazinhos?

- Bão...

Arrancou os dentes da onça Pintada pra fazer colar?

- Bão...

- Engoliu a taturana num suco de pimenta?

- Bão... A taturana eu mordi como a véia mandou, mas me deu um fogo na boca!

- Se não cumpriu tudo o que a veia mandou, não tem do que reclamar. Vá cumprir já, já... e vê se não me amola, índio destribado!

Vocês já desconfiaram quem dialogava com a Camomila, não é verdade? Os meninos também.

Era o Tari-Taré.

Conversando com o Tari-Taré, a velha havia se afastado dos moleques.

Estes começaram a relaxar e mexiam-se. O frio foi desaparecendo.

Balacobaco assoprou para os companheiros:

- Pessoal, se o Tari-Taré nos pega, vai querer se vingar de nós.

Mascagoma aconselhou:

Vamos aproveitar e sair devagarzinho. Todo mundo para a porta, vamos?

E foram se esfregando pelas paredes.

Estavam quase escapulindo, quando a Peticosa bicou o pescoço da bruxinha, avisando-a da fuga.

- Pega os "Coisas-Ruins", pega, Tari-Taré!!!

- Ahra! Os Bru-Brus aqui? Foram eles, véia feiticeira, que estragaram o traseiro do Tari-Taré, foram eles!!!

Tari-Taré esticou o braço para pegá-los.

Será que o Tari-Taré conseguira?

CAPÍTULO XXI

E AGORA, MOLECADA?

- Saia, Tari-Taré, saia! - gritaram os meninos.

Sempre desastrado, o índio não conseguiu alcançá-los.

Eles vararam a porta, como uma flecha.

Quando a velha e o índio chegaram ao terreiro, os moleques haviam virado fumaça.

Desciam o morro, espetando-se nos arbustos espinhentos e deixavam neles pedaços de camisa, fundilhos de calça e..

Quando pararam para descansar, tinham a língua de fora de tanto correr.

Foi então que repararam suas roupas em farrapos.

Vendo-se naquele estado, o Zefinho falou:

- Da bruxa escapamos, do pai quero ver!

- Como é que vamos chegar em casa assim rasgados! continuou o Mascagoma muito alarmado.

- O que vamos dizer em casa? finalizou Balacobaco.

E o pior! Agora começaram a se dar conta de que o dia estava indo embora.

- Vamos depressa, pessoal! Já está escurecendo!Aiaiai, da bruxa escapamos, mas do rabo do tatu!!! repetiu Zefinho.

Penso que esse Zefinho vivia levando coça, de tanto que falava do rabo-de-tatu.

Ainda teriam que caminhar um bocado para chegar a Vila do Socó.

Será que ainda estariam reservadas novas surpresas para aquela trinca?

CAPÍTULO XXII

À PROCURA DOS MOLEQUES

O dia passara sem que os meninos dessem sinal de vida.

Acostumados com os atrasos costumeiros, os pais dos guris, inicialmente, não se preocuparam:

- Devem estar por aí, fazendo suas traquinagens - comentou seu Bernadino com dona Emerenciana.

Eram os pais do Mascagoma.

- Onde se meteu o capeta do Balacobaco, que não aparece em casa desde manhã? - perguntava dona Carmélia ao seu Severino.

- A hora que o Zefinho chegar, avise-me! Quero lhe dar um bom corretivo, viu, Margarida!

- Esse menino anda impossível, Maneco, nunca chega na hora do almoço!

Essas conversas aconteceram pelas 14 horas.

Quando a tarde vinha caindo, a coisa mudou de figura, e vieram as preocupações:

- Ó de casa! - gritou seu Severino, batendo à porta do seu Bernadino.

Seu Bernadino foi abrir.

- Como vai, seu Severino?

- O senhor está bom? Por acaso o Balacobaco está por aí?

- Pois eu ia agorinha mesmo à sua casa para saber do Mascagoma.

- Já estive na casa do Maneco e ele estava preocupado com o sumiço do Zefinho - continuou o Severino.

- Vamos à casa do professor Segismundo Severino. Desconfio que os meninos fizeram gazeta hoje.

Alguns minutos depois, já estavam se inteirando de tudo.

Souberam que os meninos tinham se metido no mato à procura da bruxinha Camomila.

- Devem ter se perdido no mato, só pode ser isso, seu Bernadino!

- O jeito é procurá-los. Vamos passar na casa do Pai do Zefinho.

E os três resolveram ir à busca dos meninos.

Munidos de grandes lanternas, meteram-se nas matas que rodeavam a Vila do Socó.

Estavam preocupados e loucos da vida com os moleques.

Será que o rabo-de-tatu ia cantar no lombo deles?

CAPÍTULO XXIII

FUGINDO DA COÇA

O trio conhecia bem aquelas matas.

Apressando o passo, foram chegando à Vila do Socó.

Mas logo foram surpreendidos por fochos de luz que cortavam a escuridão.

De repente, ouviram vozes:

- Zefiinho, Mascagoma, Balacobaco, vocês estão por ai???

- É o pai disse o Mascagoma - o de vocês também, Santa Serpentina!

- Vamos desviar e chegar à casa primeiro que eles - aconselhou o Balacobaco.

- Quem sabe a gente arruma uma desculpa pelo atraso - continuou o Mascagoma.

- Entramos em casa sem que ninguém nos veja, nos metemos na cama e falamos que estávamos dormindo desde às três horas da tarde - completou Zefiinho.

Rapidamente desviaram por uma trilha, alcançando a entrada da Vila do Socó.

Até a casa deles era um pulo, pois moravam perto.

Quando quebraram a esquina, os moleques observaram um ajuntamento na porta de suas casas.

Suas mães faziam gestos espalhafatosos e eram consoladas por senhoras amigas.

- Que recepção, hein pessoal? - ironizou o Balacobaco.

- Vamos pular o muro e entrar pela porta da cozinha.

Teriam uma surpresa na porta da cozinha?

CAPÍTULO XXIV

CONSCIÊNCIA PESADA

Antes de pular o muro, ainda combinaram:

- Olhe pessoal! Não se esqueçam do combinado.

- Será que vai colar, Mascagoma?

- Você tem coisa melhor para sugerir, Zefinho? Se não colar, prepare seu bumbum, neguinho!

Em dois tempos foram pulando o muro e entrando pela porta da cozinha.

Desfizeram-se das roupas rasgadas, escondendo-as debaixo do travesseiro.

Em seguida, meteram seus pijamas e zupt... pra debaixo dos cobertores.

Não demorou muito para que Mascagoma começasse a ouvir vozes de homens em frente de casa:

- Procuramos, procuramos e não encontramos ninguém, Emerenciana!

Muito emotiva Emerenciana pôs-se a chorar.

Outra coisa não aconteceu com dona Carméla.

Sob as cobertas, o Mascagoma começou a se preocupar com o choro da mãe.

Uma coisa esquisita mexia lá dentro do seu cocoruto.

Consciência pesada.

Mascagoma preocupou-se com a possibilidade de os pais voltarem para o mato à procura deles.

Mascagoma pensou:

- Fazê-los passar a noite no mato sem dormir, era demais. Melhor aparecer logo de uma vez, melhor encarar...

Mascagoma levantou-se e foi até a porta da casa.

Com a carinha mais lavada deste mundo, gritou de lá:

- Ué, o que está acontecendo aqui?

Todos voltaram os olhos para o menino, no seu pijama e com a cara de sono.

- Seu Mascagoma, Seu Mascagoma! ralhou o seu Bernadino.

- Balacobaco já deve estar em casa, vamos Carmela! - disse o avermelhado Severino.

- Hoje eu pego esse Zefinho! - finalizou o Maneco.

Quase todos que estavam na rua faziam um ar de desaprovação, balançando a cabeça e tomando seu rumo.

É não colou, e agora?

CAPÍTULO XXV
NA CASA DO MASCAGOMA

Seu Bernadino tinha um ar sereno ao interrogar o Mascagoma sobre as peripécias do dia.

- Então, seu Mascagoma, o que tem a dizer?

- Chegamos pelas quatro da tarde e...

- Ah! Chegamos! Quer dizer, você, Balacobaco e Zefinho?

- É, depois do colégio, combinamos caçar passarinhos.

- Depois do colégio!

Mascagoma já desconfiava de que o pai descobrira a gazeta.

- Pois é! Mas voltamos cedo, e como não tinha fome, fui tirar uma pestana.

- Chegaram as quatro, é? Emerenciana, a que horas você arrumou o quarto desse anjo?

- Pelas quatro da tarde.

- "UIUIU! Essa não colou"

- Então acho que foi mais tarde, não sei bem que horas...

- Não seriam umas sete da noite, não? - falou o Bernadino - Como é? Acharam a bruxinha?

Mascagoma sem saída resolveu contar tudo.

- Descobrimos a casa da bruxinha, e se o senhor soubesse o que passamos!

- Acharam é! Como é que não viraram sorvete?

Então o Mascagoma foi narrando tudo o que lhes aconteceu, sob os olhos arregalados de dona Emerenciana.

Esta, assustada, exclamava:

- Jesus Cristo!!! Santa Bárbara!!! Nossa mãe!!!

O sorriso de Bernadino parecia indicar que não acreditava numa palavra do Mascagoma.

Ah! A trinca cabula aula para passear no mato, é? O que eu devo fazer com você, hein seu Mascagoma?

O rosto do Bernadino começava a afogear.

- Foi só hoje pai - desculpava-se o Mascagoma, receoso com a repreensão iminente.

A punição veio, e era a coisa que mais temia o moleque.

O castigo estava nas mãos do seu Bernadino.

O que seria?

CAPÍTULO XXVI

QUE CASTIGO SÓ!

Seu Bernadino tinha um maço de folhas de papel.

Pois é, seu Mascagoma, professor Segismundo mandou este presentinho para você. As últimas dez lições de casa que você não fez.

- Lições de casa, pai! - choramingou o Mascagoma.

Até arriscou um pensamento dolorido:

"Acho que seria melhor a coça".

- Há trabalho para uma semana, filhote, e vai começar já, já!

Que remédio. Lá foi o Mascagoma para sua mesinha de trabalho escolar, tão pouco freqüentada!

As coisas não foram tão tranqüilas na casa do Zefinho.

Se algum bisbilhoteiro por lá passasse, alguns minutos depois dos acontecimentos, poderia ouvir frases inteiras ou pedaços dela.

- Saia do banheiro, menino! PUM-PUM-PUM, alguém socava uma porta.

- Espera, pai, estou com dor de barriga!

- Dor de barriga você vai ter quando...

- Calma, Maneco, deixe o menino explicar...

Zefinho, sentado na tampa do vaso sanitário, falava com seus botões:

- O que seria pior, ter virado sorvete e ser lambido pela bruxinha Camomila ou ser lambido pelo rabo-de-tatu? Ó dúvida cruel!

Se o bisbilhoteiro desse mais alguns passos e chegasse à casa de seu Severino, ficaria tonto com tanta falação:

- Menino Capeta...

- Eu fui à esco...

- É verdade pai eu...

- Vai continuando mentin...

- Saia debaixo da cama, o safadi...

- Aiaiaiai, com a vassoura não... Já basta o que eu passei com a bruxi...

- Deixe o menino em paz...

- Mãe, acuda-me, eu...

- Isso é pata você aprender, seu...

- Deixe o menino em paz...

- Como é que se pode educar uma criança... se a mãe..., não é possível...

E a coisa foi assim por um bom tempo.

Depois veio o silêncio, tudo se acalmou...

Parece que todos foram dormir.

CAPÍTULO XXVII

A VILA EM PAZ

Naquela semana todos notaram algumas mudanças na Vila Socó.

Não se viu nenhum vidro quebrado nas janelas, provocada pelo futebol com bola de meia.

O enxu das venezianas permaneceram intactos e os passantes não foram surpreendidos com picadas das vespas, enfurecidas com os canudinhos.

Nenhuma cobra de pano preto correu para fora do portão da casa do Balacobaco, assustando os distraídos.

Não se ouviu o estouro de papel incendiado na boca de qualquer condutor de águas de chuva.

Naquela semana, todos sentiram a ausência da trinca nas ruas da Vila Socó.

Alguns vizinhos disseram:

- Será que estão doentes?

Mas aqueles que moravam um pouco mais longe e só souberam que os meninos tinham desaparecidos no mato, não tiveram dúvida em afirmar:

- Acho que viraram sorvete...